

A geografia da indústria

A indústria é a ofertadora de demanda. Um país fabril contrata outra empresa fabril para fazer o produto, a Apple tem um escritório de desenvolvimentos na Califórnia, mas a fábrica em si está espalhada pelo mundo.

Os tigres são países que recebem investimentos industriais em seu território, não necessariamente levando a seu desenvolvimento econômico e industrial, não serão países diferenciados, só passarão a ter indústrias. Mesmo que os salários das indústrias sejam maiores que o de trabalhadores do campo, isso não vai trazer o desenvolvimento do país. O país só vai ser desenvolvido se tiver domínio tecnológico. O Brasil não alcançou o desenvolvimento, foi a 5ª maior economia, em 2006, mas não é considerado desenvolvido.

O mercantilismo perdura das grandes navegações até 1710. No início da era industrial, o mercantilismo entra em colapso e o liberalismo assume seu lugar. A revolução industrial é uma revolução num momento em que o mundo está duvidando de todas as etapas.

O artesanato era dominante até o século XVI. Era um modelo de produção de tempo lento, muito adequado ao tempo da época. Não se tinham ajudantes remunerados, mas sim aprendizes que normalmente eram filhos. Com o surgimento da manufatura, houve o começo da fragmentação do trabalho, trabalho remunerado, pequenas máquinas (principalmente de tecelagem), o trabalho era numa velocidade maior.

Por causa da demanda do mundo, surgiram indústrias. O Brasil ainda era colônia, e como colônia era proibido de fazer manufatura, tinha que vender matéria-prima para a metrópole e só podia comprar produtos da metrópole. Em 1822, com a independência do Brasil, o Brasil não tinha fábricas e nem tinha experiência com manufatura, só em 1850, 100 anos depois da Inglaterra, que começaram a surgir algumas fábricas. O Brasil estava muito atrasado, por isso tentou acelerar o processo, isso aumentou muito o produto, já que precisava pegar tecnologia das outras coroas.

PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- A base técnica era o carvão e a máquina a vapor.
- As indústrias eram têxtil e naval.
- O transporte era ferroviário.
- Houve a consolidação do capitalismo como modo de produção.
- A produção era em larga escala, “fim da produção artesanal”, aumento dos lucros.
- Especialização da DIT entre capitalistas e operários (proletariado).

-
- Houve a exploração da força de trabalho de crianças e adultos, de 14 à 16 horas de jornada de trabalho.
- As indústrias ficavam nas cidades grandes e próximas às matérias-primas (carvão).
- Crescimento urbano desordenado: aparecimento dos bairros operários pobres e lançamento de grandes colunas de fumaça.

SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- Ocorreu durante o final do século XIX e meados do século XX.
- Teve início na Europa e depois passou para Estados Unidos e Japão.
- A produção foi baseada no petróleo, aço, motores a combustão e força hidráulica.
- As principais indústrias eram siderúrgica, metalúrgica, petroquímica e automobilística.
- O transporte era por meio rodoviário e aeroviário. Houve a ampliação dos meios de transporte, que levou a um aumento da circulação de mercadorias e informações.
- Houve a divisão de tarefas (Fordismo), o aproveitamento máximo do esforço e do tempo dos trabalhadores e a alienação do trabalhador. O trabalho era altamente especializado, não tinha a visualização do produto final.
- A urbanização avançou, o campo se modernizou com o aumento da tecnificação.
- A comunicação foi aperfeiçoada: telégrafo, rádio, telefone e televisão
- As multinacionais migraram para os países subdesenvolvidos para ficarem mais perto da matéria-prima. Com isso, houve a formação das cidades industriais (concentração de indústrias em um mesmo espaço geográfico).

TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- Informática, robótica, biotecnologia, microeletrônica, telecomunicações e aeroespacial
- Transporte aeroespacial e naval.
- Surgiram novas qualificações para os profissionais: tecnoprofissionais, altamente qualificados, polivalentes, políglotas.
- Houve a interação simultânea de diversos setores econômicos.
- Houve o encurtamento das distâncias, com a enorme velocidade dos transportes e telecomunicações, reduzindo os custos da produção.
- Interação econômica, política, social, educacional, entre as diferentes regiões do planeta, consolidando o capitalismo em nível planetário.

- Descentralização da atividade industrial: fragmentação e/ou terceirização da produção
- Toyotismo

O QUE É INDÚSTRIA?

É o setor secundário da economia e o maior demandador dos setores econômicos. Processa e/ou transforma recursos naturais em matérias-primas e matérias-primas em produtos semi-acabados. Tudo que faz mal à saúde humana é mais barato do que o que faz bem, já que as coisas que fazem mal são ultraprocessadas e feitas em larga escala. É mais barato comprar uma batata rufles do que comprar a própria batata. A indústria gera transbordamentos. É o setor mais tecnológico de todos.

COMO A INDÚSTRIA ORGANIZA O TERRITÓRIO, A ECONOMIA E A SOCIEDADE?

A indústria transforma o território à sua volta, economicamente e socialmente. Teria todo um movimento em volta da indústria. Há uma entrada e saída de matéria-prima e produtos constantes.

Países que não tem cadeias industriais completas tem que exportar produtos de outros países, deixando o preço muito elevado que a população não teria condições de comprar. Esses produtos são voltados para a elite do país.

As indústrias ficam localizadas em diversos lugares do mundo. A Apple, por exemplo, têm a produção terceirizada, já que a mão-de-obra e o território de outros países são muito mais baratos.

Qual a relação entre a Geografia da Indústria e o desenvolvimento dos transportes e a telecomunicações, na atual conjuntura econômico-produtiva mundial?

A Geografia da Indústria estuda a localização e a dinâmica das atividades industriais, sendo fortemente influenciada pelo desenvolvimento dos transportes e das telecomunicações na atual economia global. A modernização dos transportes melhora a logística e a distribuição, reduzindo custos e permitindo a descentralização industrial, enquanto portos, aeroportos e corredores logísticos facilitam o comércio exterior. Já as telecomunicações impulsionam a Indústria 4.0, a digitalização dos serviços e a integração de mercados, tornando a produção mais ágil e globalizada. Assim, a infraestrutura de transportes e comunicação é essencial para a competitividade e organização espacial da indústria no mundo atual.

Como ocorre a fragmentação e a terceirização da produção das cadeias globais de valor?

-

A terceirização dos produtos é contratar outra empresa para fazer algo que antes a minha empresa faria. Um produto mais completo é terceirizado e fragmentado, as empresas contratadas recebem produtos de outras empresas.

TIPOS DE INDÚSTRIA

Por bens produzidos:

- Indústrias de bens intermediários (indústria pesada)
- Indústrias de bens de capital
- Indústrias de bens de consumo (não-duráveis, semiduráveis e duráveis)

- Indústrias extrativas
- Indústrias de transformação
- Indústrias de construção

- Forma (germinativa ou de ponta)
- Tecnologia (tradicionais ou dinâmicas)
- Aplicação de recursos (capital-intensivas ou trabalho-intensivas)

FATORES LOCACIONAIS

Os fatores locacionais mais importantes, dependendo do período estudado, do tipo de indústria e do objetivo da produção são: matéria-prima, energia, mão-de-obra, tecnologia, mercado consumidor, logística, rede de telecomunicação, complementaridade e incentivos fiscais.

- **Matéria-prima**: disponibilidade e acessibilidade das matérias-primas necessárias para a produção de bens ou serviços em uma determinada localização. Empresas muitas vezes escolhem locais próximos a fontes de matéria-prima para reduzir custos de transporte e aumentar a eficiência.
- **Energia**: a disponibilidade e o custo da energia são cruciais para as operações industriais. Locais com acesso a fontes de energia confiáveis e a preços competitivos podem atrair empresas que dependem de energia intensiva.
- **Mão-de-obra**: a disponibilidade, qualificação e custo da mão-de-obra são fatores críticos na escolha de uma localização. Empresas podem buscar regiões com uma oferta abundante de trabalhadores qualificados e salários competitivos.

Tecnologia: a presença de infraestrutura tecnológica e talento especializado pode atrair empresas que dependem fortemente de inovação e desenvolvimento tecnológico.

Mercado consumidor: empresas frequentemente optam por se localizar próximas aos mercados consumidores para reduzir custos de transporte e melhor atender às demandas do mercado local.

- **Logística**: a eficiência da infraestrutura de transporte e logística é crucial para garantir o fluxo suave de matérias-primas e produtos acabados. Empresas podem priorizar locais com boa infraestrutura de transporte, como portos, aeroportos e redes rodoviárias.
- **Rede de telecomunicação**: a conectividade digital é fundamental para operações modernas. Muitas vezes, as empresas buscam locais com acesso a uma infraestrutura robusta de telecomunicações para facilitar a comunicação e o compartilhamento de dados.
- **Complementaridade**: a proximidade a outras empresas ou indústrias relacionadas pode gerar sinergias e oportunidades de colaboração. Por exemplo, empresas de tecnologia podem se beneficiar ao se localizar em áreas com um ecossistema tecnológico estabelecido.
- **Incentivos fiscais**: ofertas de incentivos fiscais, como reduções de impostos ou subsídios, podem influenciar a decisão de uma empresa sobre onde se estabelecer, tornando certas regiões mais atraentes do ponto de vista financeiro.

Geografia da indústria no Brasil

FASES DA INDÚSTRIA NO BRASIL

1ª fase: Surto Industrial - 1849 - 1930

- Domínio das oligarquias agroexportadoras: a economia brasileira era baseada na exportação de produtos agrícolas, como café, açúcar e borracha. A política era controlada pelas elites rurais, que pouco investiam na industrialização, pois tinham interesse em manter o Brasil como fornecedor de matérias-primas.
- Sistema escravocrata - mercado consumidor pequeno: a mão de obra majoritária era escravizada até 1888, o que limitava o surgimento de um mercado consumidor interno, pois escravizados não recebiam

salários. Mesmo após a Abolição da Escravatura, a transição para o trabalho livre foi lenta, mantendo a desigualdade econômica.

- Surgimento de iniciativas particulares em indústrias “leves” (bens não duráveis e semiduráveis) - adoção da tarifa Alves Branco: o governo adotou a Tarifa Alves Branco (1844), que aumentou os impostos sobre produtos importados, incentivando a produção local. Com isso, surgiram pequenas indústrias voltadas para bens de consumo, como tecidos, alimentos e calçados.

Economia de arquipélago - ausência da noção de “economia nacional”: o Brasil tinha economias regionais independentes, sem um mercado nacional integrado. O Sudeste focava no café, o Nordeste na cana-de-açúcar, o Norte na borracha, e essas economias pouco se conectavam entre si.

- Estímulo a entrada de estrangeiros (imigração): após a Abolição da Escravidão, o governo incentivou a vinda de imigrantes europeus, principalmente italianos, alemães e portugueses, para trabalhar na lavoura e na indústria nascente. Esse processo ajudou a criar um pequeno mercado consumidor, já que os imigrantes recebiam salários e consumiam bens industrializados.

2ª fase: “Era Vargas” - 1930 - 1945 / 1951 - 1954

- Substituição de importações como modelo / “estratégia” de desenvolvimento industrial: passou a produzir ao invés de importar. Vargas achava que precisava transformar a matéria prima em produto dentro do país, pedindo ajuda para outros países que dominam a tecnologia. Roosevelt queria um território em Natal para uma base aérea e, em troca, Vargas queria uma siderúrgica.
- Economia de aglomeração: concentração de investimentos industriais no eixo Rio - São Paulo, aproveitamento do legado cafeeiro: legado no território e nas dinâmicas econômicas (ferrovia, porto, comércio e bancos). Ao ver o café destruído pela crise, Getúlio queria fazer um projeto urbano e industrial no território, já que já tinha um conjunto de camadas técnicas que seria fundamental para o desenvolvimento da atividade industrial.
- Nacionalista, intervencionista / estatística, industrialista, trabalhista: Vargas era um defensor do Estado como ator político e econômico (Keynesianismo), não haveria como se desenvolver sem se industrializar.

- Desenvolvimento das “indústrias de base” (pesada): início, de fato, de um processo de industrialização: planejada, orientado, empreendida pelo Estado.
- Início de um processo de rompimento do arquipélago econômico: adoção do modelo rodoviário de integração econômico-territorial: introduz o modelo de integração brasileiro (rodoviário). O sistema é ineficaz para longas distâncias (caro e lento), mas para pequenas distâncias é totalmente eficaz. O modelo mais interessante é o ferroviário. O rodovia é caro na necessidade de manutenção constante, enquanto o ferroviário é mais caro na construção. Quem executa isso é JK.
- Criação de empresas estatais (industriais ou não): formação do moderno Estado brasileiro
 Construção de concepção capitalista de classe média (trabalho / salário / consumo)
 Consolidação das leis trabalhistas (CLT): forma uma classe média
 Pouca presença e influência do capital estrangeiro na economia
- Criação das bases do modelo “nacional - desenvolvimentista” brasileiro, com valorização do mercado interno (mercado de massas) e da modernização das forças produtivas.

3ª fase: Internacionalização (1956 - 1989)

A Ditadura está na mesma fase que JK porque aprofundou os projetos que tinham sido iniciados por Vargas e alterados por JK.

Estava no período do Keynesianismo, por isso tinha ênfase no planejamento estatal. Teve um desenvolvimento voltado para dentro (valorizava o mercado interno e a classe média urbana). A indústria era a principal atividade econômica. Queriam desenvolver o Brasil com crescimento econômico

Revolução Verde: modernização da agricultura entre 50 e 60, entrada de tecnologia na produção do campo, causando o desemprego, substituindo as pessoas por máquinas. Isso resultou na mudança das pessoas do campo para a cidade (êxodo rural). Trouxe desemprego e concentração fundiária.

Herda de Vargas as indústrias de base e leis trabalhistas consolidadas e uma série de empresas e financiamento (arcabouço de Getúlio).

Pobreza rural essencial para o desenvolvimento: migração de nordestinos, mão de obra barata. Essa desigualdade foi agravada ao final da industrialização.

Juscelino Kubitschek (1956 - 1960):

- Concentração espacial da indústria e de riqueza no território no eixo RJ - SP
- “50 anos em 5”: Plano de Metas
- Modernizar: reproduzir o modelo de classe média americana (“American way of life”), baseado no uso de carros, que só dava para comprar se fosse produzido em território nacional (ABC Paulista), ou seja, importavam só o processo produtivo
- Abertura controlada e regulada: indústria de base não entra, trouxe as transnacionais para o Brasil

Tripé da industrialização: base (infraestrutura e planejamento estatal), bens não duráveis e semiduráveis (privado nacional) e bens duráveis (transnacional: capital estrangeiro que vem fazer o que não conseguimos). Os bens de capital são importados, até hoje, o que é um problema a longo prazo porque causa a impossibilidade de competição nacional (não temos tecnologia para isso) e falta bens de capital (só tinha autopeças, máquinas e equipamentos importados).

Recursos externos: empréstimos

Recursos internos: mais impostos, emissão de moeda, tributos, arrocho salarial (não atualização ou atualização não condizente do salário mínimo perante a inflação, resultando numa mão de obra cada vez mais pobre)

- Efeitos e características do Plano de Metas: concentração espacial da indústria, oligopolização da economia (poucas empresas dominam grande parte do mercado, não tinha concorrência), rodoviarismo (demora muito e quebrou o arquipélago industrial)
- Brasília - a grande meta
 - Expansão capitalista para o Centro-Oeste, interiorizar o Brasil
 - Centralização estratégica do poder no território: consegue facilmente chegar a todas as partes do país
 - Integração Centro-Oeste ao Sudeste: cria uma conexão geográfica, já que o Centro-Oeste passou a ser mais povoado
 - Fuga das massas: população dos grandes centros urbanos longe dos dirigentes.
 - Convergência / divergência e eixos de transportes no território: tudo chega e tudo sai de Brasília

- Rodoviarismo ruim: baixa capacidade, subordinação ao automóvel, ruim em longas distâncias, não tem transporte em massa

Ditadura Militar (1964 - 1985):

- Transporte baseado no rodoviarismo
- Continua o que JK começou: capital estrangeiro produtivo instalado no território
- Passa a estimular também o capital especulativo (não contribui para o desenvolvimento estrutural da economia), que não tem taxa para entrada e saída
- Políticas de curto prazo: planos de térias e quinquenais (igual “50 anos em 5”)
- Devemos modernizar e aumentar a geração de riqueza, mas não tinha busca por desenvolvimento humano e social
- Não desconstruiu problemas históricos / sociais no país
- Fortalecimento do consumo das classes médias e altas
- Camadas baixas fazem autogeração de riqueza (mão de obra: migrantes do campo para a cidade, “estupidamente” barata), mas não usufruem dela Auge da desigualdade: crescimento econômico bizarro sem que a mão de obra passasse a viver melhor como retorno de seu trabalho

Até hoje não há políticas públicas de habitação, transporte, educação, só políticas emergenciais

Estimular a indústria da construção civil e criar estrutura para as indústrias Banco Nacional de Habitação: políticas ineficientes, remanejava pobres de suas casas (higienismo urbano, extrema periferia da cidade). Só a casa não garante cidadania.

- Maior crédito ao setor automobilístico (consolidação)
- Incentivo à exportações low-tech (têxteis e calçados)
- Banco Central do Brasil: autoridade monetária responsável por gerir juros e câmbio
- Criação do FGTS (1966): fundo de garantia por tempo de serviço é um percentual de 8% do seu salário bruto depositado pelo patrão nesse fundo do caixa econômico. Em caso de demissão, o ex-funcionário recebe essa quantia e mais 40%. Enquanto isso não acontece, o Estado usa esse dinheiro para fazer obras públicas que achar necessárias. Críticas ao FGTS: crítica progressista (só rende 3,5%, muito pouco),

crítica conservadora (não devia existir, porque esses 8% podem ser adicionados ao salário do trabalhador).

- Criação do INPS (1966): cria um conjunto de estrutura e regra para a aposentadoria
 - Estímulo ao planejamento regular: SUDAM, SUDECO, SUDESUL, SUFRAMA
 - Modelo fordista de produção: já estava em crise nos países protagonistas / Guerra Yom Kippur (1973) - petróleo: produção baseada na demanda em massa, com o fim da demanda, entrou em crise.
 - Modernização conservadora: modernização produtiva
 - I PND (1972 - 1974): Governo Emílio Garrastazu Médici: Positivo: trouxe um crescimento de 11% no PIB. Aumentou a produção industrial, crescimento das exportações e utilização de capitais externos. Negativo: teve um arrocho salarial, que diminuiu o salário das pessoas e aumentou a inflação. Diminuindo o salário das classes baixas, as classes altas ficavam com maior lucro, aumentando a desigualdade social. Houve um êxodo rural, primordial para o milagre acontecer, já que aumentou a mão de obra barata. Alto índice de censura.
 - II PND (1974 - 1979): Governo Ernesto Geisel: tem muitos problemas internos.
 - A Amazônia era uma “inimiga” e precisávamos superá-la, submeter a ideia de progresso aplicada no sudeste
- Nenhum país rico se tornou desenvolvido pela via agrícola

Milagre econômico:

O Milagre econômico foi um período de crescimento econômico acelerado no Brasil, em que registrou taxas de crescimento anual no PIB superiores a 10%, junto com um aumento significativo na industrialização e modernização da infraestrutura. Ficou configurado um produto caracterizado pelas obras públicas, Itaipu, hidrelétricas, ponte Rio-Niterói. É um custo financeiro e social muito alto por causa do arrocho salarial, endividamento do Estado, desvalorização da moeda, má gestão pública. O milagre econômico foi curto.

- Crescimento econômico elevado: expansão da indústria e construção de grandes obras

- Investimentos estrangeiros: atração de capital externo com a instalação de multinacionais e financiamento por empréstimos internacionais que geraram uma dívida externa crescente.
- Política econômica favorável: controle da inflação e estímulos ao consumo e foco em exportações
- Concentração de renda: a classe média e a elite se beneficiaram, enquanto a população mais pobre teve um aumento na desigualdade social
- Declínio: crise do petróleo de 1973 que aumentou os custos de importação de energia, crescimento da dívida externa, inflação e estagnação econômica no fim da década de 1970.

A geografia da indústria no Brasil 50 anos depois: território brasileiro no início dos anos 80:

- O Brasil era um país integrado em vários setores, da origem do metal ao automóvel, dominava todos os setores. Foi considerado o país mais industrializado em toda a periferia no mundo nos anos 80, embora fosse estudado mundialmente por ser um grande potencial e ter um alto índice de desigualdade.
- Desconcentração geográfica da produção industrial, economia de aglomeração: a área antigamente concentrada fica mais cara, fazendo com que os investimentos busquem o interior, saindo do ABC Paulista e buscando a redução do padrão de investimento do território.
- Posição hegemônica de São Paulo no país: recebeu mais investimento que os outros estados em 50 anos, teve maior poder econômico.
- Avanço da agropecuária no cerrado e na Amazônia: só foi possível porque a ditadura investiu na Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) que corrigiu a acidez do solo (calagem).
Teve uma grande integração do território por redes de transporte e telecomunicações, a tecnologia de telefonia era muito cara.
Concentração de renda e terra (fundiária), boa parte das terras no interior do Brasil nunca foram compradas, foram griladas (apropriação fraudulenta de terras com a falsificação de títulos de propriedade).
O Brasil ainda estava no Fordismo enquanto o resto do mundo era Toyotista (produção Just in Time).

Década Perdida:

- Endividamento em real e em dólar, a ditadura investiu muito e muito mal.
- Causou enfraquecimento da ditadura com a falta da “eficiência econômica”.
- Choque do Petróleo de 1973: foi a Primeira Crise do Petróleo, ocorreu quando os países árabes da OPEP impuseram um embargo de petróleo em resposta ao apoio ocidental a Israel, resultando em uma significativa redução na oferta de petróleo e levando a um aumento drástico nos preços.
- Choque do Petróleo de 1979: foi a Segunda Crise do Petróleo, ocorreu devido à Revolução Iraniana e à consequente instabilidade no Oriente Médio. Essa crise resultou em uma nova escalada nos preços do petróleo, exacerbando as dificuldades econômicas globais.
- Renascimento dos movimentos operários / sindicalismo no ABC Paulista, nasce o PT.
- Dificuldade tributar, o que dá emprego é a demanda, causou a queda na capacidade de investimento do Estado
- Aumento do desemprego, arrocho salarial, inflação.
- Crescimento dos Tigres Asiáticos e Japão.
- A China começa sua abertura econômica (não seguiu o neoliberalismo e manteve o Estado forte e coeso).
- A URSS vivia uma crise interna e viria a cair. O capitalismo torna-se um sistema econômico global, globalização.
- Brasil vira um país semiperiférico e passa a ser “considerado” pelas potências.
- Começa a fase em que o Brasil abre mão de fazer qualquer política industrial. Se a sociedade demanda, a gente importa, abaixando os impostos para a produção externa. A partir dessa mentalidade, vão falir vários setores de serviços e bancos brasileiros porque não são capazes de competir com os produtos importados.

4ª fase: abertura / liberalização da economia (Pós 1990)

- Mudança da doutrina econômica e adoção de medidas liberalizantes: privatização de empresas, abertura ampla e irrestrita para a entrada de produtos estrangeiros (a indústria nacional passa a não poder competir), empresas privadas se mecanizam rapidamente gerando desemprego, desregulamentação

da economia e redução de impostos sobre os rendimentos mais altos (proporcionalmente, os pobres pagam mais impostos) - A natureza do Estado é voltada à cidadania.

- Os estados brasileiros começam a adotar medidas liberalizantes, privatiza empresas, desregula a economia.
- Começa com Collor, que privatiza a CSN, sucedido por Itamar Franco.
- A economia começa a crescer, gerando emprego, aumentando o salário e o lucro, fazendo sentido inflacionar.

Newton Friedman foi um teórico crítico ao Keynesianismo e criador da teoria neoliberal, aplicada pela primeira vez na ditadura chilena.

- Um Estado que regulamenta é um Estado que protege
- Década de 80: Reagan e Margaret Thatcher
- Década de 90: Brasil (Consenso de Washington - FMI)

Medidas liberalizantes:

- Privatização de empresas estatais: “Estado não tem que ter patrimônio”. O Estado não é mais empreendedor e gestor empresarial. Não havia motivo para vender a CSN, não dava prejuízo. Passa a ter política de preço próprio, deixa de beneficiar o povo para beneficiar só os societários.
- Abertura ampla e irrestrita (não significa necessariamente sem impostos) para a entrada de produtos estrangeiros: a indústria nacional não consegue competir.
- Empresas privadas se mecanizam rapidamente, gerando desemprego. Se é uma empresa estatal, o papel dela é fazer isso de forma gradual, reduzindo impactos
- Desregulamentação da entrada e saída de capital global (globalização do capitalismo), flexibiliza também o controle ambiental, leis trabalhistas.
- Redução de impostos sobre os rendimentos mais altos (proporcionalmente, os pobres pagam mais impostos).

Objetivos gerais:

- Estabilização econômica
- Controle do déficit público
- Redução de “gastos”

- Controle da inflação
- Retomada do crescimento econômico
- Modernizar os setores diante dos novos padrões tecnológicos
- Toda doutrina bebida sem crítica leva à cegueira ideológica
- Criação e sobrevalorização do real: controlou a inflação, gerou uma moeda valorizada mas acabou com a competitividade industrial brasileira

Na década de 80, havia uma inflação de oferta no Brasil - Plano Real:
1,20 dólar = 1 real (49% de juros)

Neoliberalismo e reestruturação:

- Abertura comercial indiscriminada
- Redução de gastos do Estado: educação, saúde, empregos e segurança
- Redução de impostos sobre os rendimentos mais altos
- Juros altos: atração de investimentos especulativos para conter a inflação, o banco cobra juros a partir de uma taxa já estabelecida pelo Estado (lançado com 49,3%), desestimula a troca de dinheiro no país, combatendo a inflação de demanda. Arrecada muito dólar que ele vende no mercado, desvalorizando o dólar. Em 1999, o dólar foi de 1 para 4 em um dia. Assim, o produto importado passa a ter o mesmo preço do produto brasileiro, fazendo com que a classe média e classe alta comprem os importados por fetiche ou melhor qualidade.
- Empresas obrigadas a reduzir custos, aumentar a produtividade e introduzir novas tecnologias.
- Fusões, parcerias, fechamentos de fábricas e terceirização.
- Privatização de setores estratégicos: o Estado constroi hidrelétricas e a light distribui a energia.
- BNDES (1997): empréstimos também a empresas estrangeiras, inclusive no financiamento das privatizações (pega dinheiro do Estado para comprar empresas estatais).
- BNDES (1998): proibição de empréstimos a estatais (até hoje).
- Aumento do desemprego sobretudo na indústria devido ao enfraquecimento dos sindicatos (década de 90): empresas nacionais quebrando, fechando ou demitindo para cortar gastos.
- O Brasil não se estabilizou efetivamente nos últimos 30 anos.
- **Desconcentração concentrada**: interiorização da atividade industrial no Brasil. Ainda é concentrado, mas não da forma que era antes (RJ - SP).

- **Deseconomia de Aglomeração**: ocorre quando o crescimento excessivo de uma área urbana ou industrial começa a gerar efeitos negativos, como aumento dos custos de produção, congestionamento, poluição e problemas sociais. Esses fatores podem reduzir a produtividade e a qualidade de vida, fazendo com que as empresas e residentes considerem se mudar para áreas menos congestionadas.
 - **Desconcentração industrial**: processo de migração das indústrias de regiões centrais ou muito concentradas para áreas periféricas ou menos desenvolvidas. Isso ocorre como uma resposta à deseconomia de aglomeração, em busca de menores custos operacionais, incentivos fiscais e acesso a novas áreas de mercado.
 - **Desenvolvimento poligonal**: modelo de planejamento urbano que busca a criação de múltiplos polos de desenvolvimento dentro de uma região ou país, evitando a concentração excessiva em uma única área. Esse conceito promove a descentralização e o fortalecimento de várias áreas ao mesmo tempo, criando uma rede interligada de cidades ou regiões com funções complementares. 80% das indústrias permanecem em um polígono localizado no Sul e Sudeste.
- IED (Investimento Externo Direto): investimento que vem de fora, comprar uma empresa brasileira. Não é capital de mercado financeiro. É ótimo, se bem feito. Às vezes, não traz pro país o que prometeu fazer.
 - Na década de 2000, Lula assume e não deixa de ser um presidente neoliberal (moderado). Não reestatizou nada, manteve um modelo econômico similar ao do governo anterior. Apenas dirigiu investimento público para o desenvolvimento social (camadas D e E subindo para classe C), aumento de emprego e do poder aquisitivo do brasileiro médio, aumento do PIB por ano muito maior do que na década de 90.
 - Em 2015, no governo de Dilma, o desemprego começa a voltar a subir, leva até a pandemia e o governo Bolsonaro.
 - Desmantelamento de uma política de estímulo ao desenvolvimento industrial de conteúdo nacional. Hoje estamos em desindustrialização precoce, diferente dos EUA que as multinacionais preferem terceirizar para outros países para ter a mão de obra mais barata. No Brasil, a sede

da empresa sai do país junto com o conhecimento. Nos EUA, o conhecimento fica.

- É natural em um país urbano, a classe média gastar mais em serviços do que com produtos industrializados, é natural a indústria perder forças. Se não tem política industrial, as indústrias vão à falência, saem do país ou simplesmente estão perdendo participação na economia (PIB) do país.
- Quanto mais sofisticada é a economia a partir da indústria, mais sofisticado fica o setor terciário (indústria pobre → comércio e serviços pobres). Vantagem: tipo de emprego que gera, não ficar à mercê de crises e flutuações em produtos julgados essenciais (produção nacional garante), garante acesso à produtos por um preço mais acessível.
- Reindustrialização na área da saúde seria interessante, dá emprego e garante segurança em caso de pandemia.
- Cidades administradas como empresas: o cidadão vira “consumidor” ou “acionista” (investidores competindo por investimentos: Guerra Fiscal ou Guerra dos Lugares).

A empresa paga imposto porque altera a estrutura da cidade (ocupa espaço, barulho, esgoto, energia). O governo dá isenção fiscal para a empresa e quem sofre com isso é o cidadão, já que, no imposto, ele “banca” a empresa, investindo menos no que ele precisa e é dever da administração da cidade garantir.

- No Nordeste, predominam bens de consumo não duráveis e semiduráveis (low e middle tech). Entre 2005 e 2015, muitos investimentos em infraestrutura e indústria aumentaram o PIB, carteiras assinadas e exportações do Nordeste.

Desindustrialização

Desindustrialização é processo no qual há uma queda da participação da indústria no PIB e dos empregos industriais em relação a outros setores econômicos.

Causas gerais (Brasil não está incluído):

- A classe média dos países ricos gasta muito mais com serviços do que com produtos manufaturados. Além da perda de significância e de demanda, os custos de produção nesses países se tornam muito altos.

Na Nova Geografia da Indústria, buscam novos lugares para produzir ou terceirizar a produção

- Redução de empregos na área por conta da sofisticação da indústria, que tende a ter um crescimento de produtividade maior do que o setor de serviços.
- A maioria dos empregos gerados é informal, de baixos salários e, logo, de baixa complexidade (subaproveitamento da mão de obra qualificada)

Fator externo: existem países com um custo de produção muito baixo, como Tailândia, Vietnã e Panamá.

Fator interno-externo: a relação entre a participação do emprego e do valor adicionado da indústria e a renda per capita pode ser afetada pela doença holandesa. Nesse contexto, a abundância de recursos naturais pode induzir a uma redução da participação da indústria no emprego e na participação no PIB, por intermédio da apreciação cambial, a qual resulta em perda de competitividade da indústria e déficit comercial crescente da mesma.

Caso brasileiro:

- Câmbio valorizado (apreciado), aumenta o preço do produto nacional
- Incentivo a importação de bens pela abertura econômica indiscriminada
- Altas taxas de juros, ruim para pegar empréstimo (salário)
- Mais empregos no setor terciário, aumentando o poder aquisitivo. Assim, as pessoas compram mais e aumenta a demanda industrial
- Baixo investimento privado, diminuição da renda-demanda de bens industriais
- Como reverter a desindustrialização? Política industrial moderna, reforma tributária, acordos comerciais que visem aumentar o coeficiente de exportação brasileiro, investimento em educação para qualificar, mas nunca sem abrir oportunidades e ter empregos que absorvam essa mão de obra, investimento público
- Escada tecnológica: tendência a monopolizar ou oligopolizar a economia